

A FORMAÇÃO ESTÉTICA DO PROFESSOR: CONCEITOS DE ARTES VISUAIS

SOARES, Maria Luiza Passos – UNIVALI
marialuizaps@univali.br

CARVALHO, Carla – UNIVALI
ca.carvalho@terra.com.br

Área Temática: Educação: Profissionalização Docente e Formação
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Neste trabalho, faz-se uma reflexão sobre uma pesquisa que envolveu uma experiência de formação estética de um grupo de doze professoras. Desenvolvida por meio de ateliês, esta formação visava proporcionar às cursistas a possibilidade de desenvolver a capacidade de apreciação e sensibilização estética por meio do contato com expressões artísticas. Também objetivava investigar como a educação estética se forma no ser humano e se essas experiências proporcionam mudanças em aspectos pessoais e profissionais das professoras envolvidas. Salienta-se que, além das artes visuais, as professoras vivenciaram ateliês de literatura, de música e de artes cênicas. Abordar-se-á, neste texto, a análise de um momento dessa experiência, no qual o enfoque foram as artes visuais. Em outras palavras, trata-se de um instrumento de avaliação na forma de um questionário, aplicado no final do primeiro semestre de 2006. Por meio desse questionário, procuraram-se indicadores que demonstrassem se as experiências vivenciadas nos ateliês produziram mudanças, individuais ou coletivas, bem como que demonstrassem como ocorreu, no grupo pesquisado, o processo de formação do sentido estético nas seguintes dimensões: cognição, afetividade e imaginação. A intenção não é esgotar a temática, mas apontar indícios de que as experiências vivenciadas nos ateliês produziram, nas professoras, um movimento no sentido de provocar mudanças pessoais e profissionais.

Palavras-Chave: Estética; Formação de Professores; Artes Visuais.

Introdução

Este texto se propõe a refletir sobre um dos momentos de uma pesquisa que envolveu uma experiência de formação estética de professores, com foco nas artes visuais.

Na íntegra, a pesquisa foi vivenciada por um grupo de doze alunas do Curso de Pedagogia, que participaram de uma proposta de formação que, pautada na experiência estética, proporcionou atividades de apreciação, vivências e criação nas diversas linguagens

artísticas, as quais foram ministradas, em ateliês de música, artes dramáticas, artes visuais e literatura por professores de arte convidados.

Os objetivos desta proposta foram, principalmente, proporcionar às cursistas a possibilidade de desenvolver capacidade de apreciação e sensibilização estética por meio do contato com expressões artísticas, bem como investigar como a educação estética se forma no ser humano e se estas experiências proporcionam mudanças em aspectos pessoais e profissionais das professoras envolvidas.

Durante três semestres (2004/1; 2004/2; 2005/1) as alunas participaram da proposta, na disciplina de Prática de Ensino. E, após formadas, continuaram a participar voluntariamente do grupo, durante mais três semestres (de 2005/2 a 2006/2).

Ressalta-se que os encontros com as alunas foram registrados em fitas de videocassete (VHS) e que, a cada ateliê, as alunas registravam as vivências em memoriais.

Neste texto, fazemos um recorte deste processo de formação, abordando uma experiência desenvolvida no último ano da pesquisa, 2006. No primeiro semestre do referido ano foram oferecidos oito encontros, nos quais foram trabalhadas diferentes linguagens artísticas, ou seja, música, literatura, artes visuais e cênicas bem como seminários teóricos.

Ao final desse mesmo semestre foram aplicados às professoras participantes questionários que serviram como instrumentos de avaliação nas diversas áreas artísticas a fim de que os mesmos pudessem sinalizar as percepções das envolvidas nas vivências estéticas acerca das diversas áreas artísticas, com aspectos relativos à cognição, ao imaginário e ao nível afetivo. Também foi realizado um seminário para avaliação dos ateliês e planejamento do segundo semestre do mesmo ano. A partir das avaliações dos encontros, optamos, enquanto pesquisadores, por oferecer, em encontros semanais, ateliês que trabalhassem com as linguagens da música e da literatura. Sendo assim, no segundo semestre de 2006, foram realizados treze ateliês com ênfase nas áreas de literatura e música. No último encontro, foi promovido um sarau literário e musical com a participação de todas as alunas e professores que, por meio das próprias expressões artísticas, puderam vivenciar experiências estéticas. Além disto, na ocasião, preencheram um questionário no qual puderam se expressar em relação aos níveis de cognição, imaginário e afetivo de suas percepções estéticas.

Os registros destas vivências compõem um material significativo para análise minuciosa, no entanto estaremos aqui nos atendo à análise de uma parte deste acervo, a que

trata especificamente das artes visuais. Portanto, neste artigo nosso enfoque são as experiências vivenciadas em relação às artes visuais e teremos como objetivos verificar indícios, individuais ou coletivos, que demonstrem como ocorreu o processo de formação do sentido estético no grupo pesquisado, por meio da análise do questionário que enfocava as três dimensões apontadas, isto é, cognição, afetividade e imaginação.

É importante salientar que o foco desta análise é de um momento do grupo pesquisado, levando em consideração que o mesmo já passou por diversas experiências nas mais diversas áreas. Faremos uma análise de um questionário aplicado as professoras no final do primeiro semestre do ano de 2006 referente a área específica das artes visuais.

Considerações a Respeito das Artes Visuais e Formação Estética

O desafio, ao se propor uma formação estética dirigida aos professores, é fazer com que os mesmos, enquanto sujeitos que vivenciam, extrapolem as disciplinas artísticas e as incorporem às suas próprias vidas. Parte-se da compreensão de que o sentido do estético se dá no artístico e no extra-artístico quando se possibilita uma experiência criadora e sensível.

Ofereceram-se os ateliês de formação estética às professoras com a intenção de possibilitar o desenvolvimento de suas capacidades de imaginação, apreciação e sensibilização pelo contato com expressões das diversas linguagens nas esferas da teoria e da prática. Teve-se, igualmente, a intenção de, por meio dessas experiências, contribuir para o desenvolvimento pessoal e, por conseqüência, para a capacitação ao trabalho docente. Para tanto, parte-se do materialismo-histórico e dialético, visto que esses conceitos permeiam o que se entende por arte e a relação com a estética nesta pesquisa.

Compreende-se que arte e estética fazem parte da formação integral do ser humano, já que, no materialismo histórico, a arte, no processo de construção do homem humanizado, é um trabalho que envolve uma relação estética do homem com a natureza.

Para Vásquez (1999, p. 19),

[...] a experiência estética ou a prática artística não são algo supérfluo, um adorno em nossa existência, mas sim um elemento vital em toda sociedade, uma necessidade humana que exige ser satisfeita; não será por isso um valor em si, mas sim o de um conhecimento de algo necessário para o homem; tão necessário que, ao longo dos séculos, encontramos a arte executando uma ou outra função nas sociedades mais diversas.

Ao longo dos séculos, em sua luta pela própria existência, o homem busca, na relação que estabelece com a natureza, formas diversas de sobrevivência. Diante da natureza, o homem primitivo era incapaz de integrar-se a ela, visto que esta lhe era ameaçadora. Assim, à medida que passa a dominar a natureza, o homem passa a dominar a si mesmo, aprimora seus sentidos e, com isso, constrói com o seu contexto uma relação refinada e diferenciada. Diante do processo de desenvolvimento do homem humanizado, a arte aparece, dele exigindo certa sofisticação conceitual.

A sensibilidade estética é um processo longo de desenvolvimento dos sentidos realizado pelo homem no processo de humanização, na relação que estabelece com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo. Os sentidos se fazem humanos num processo que é histórico e dialético, sendo que o homem os aprimora enquanto desenvolve a dimensão de sua ação e, na práxis, estrutura seu percurso humano. Esse processo é, ao mesmo tempo, individual e coletivo, pois a ação humana é social e transforma o contexto à medida que transforma o próprio homem. A partir disso, pode-se afirmar que os sentidos humanizados são completamente diferentes dos sentidos que não passam por esse processo de sensibilização.

A arte, mesmo sendo o resultado de uma individualidade, é social, é uma realidade social que se dá na práxis humana, a qual é coletiva, ou seja, mesmo sendo uma obra individual, na relação com o social e na relação com o produtor, ela se torna social, pois é resultado de um processo humano social.

Segundo Peixoto (2003, p. 43),

Esse processo de criação e desenvolvimento da sensibilidade humana, que integra o processo dialético da construção homem-mundo, não ocorre, logicamente, na individualidade isolada, mas a práxis humana é coletiva, dá-se no âmbito comunitário, social.

Pode-se, então, afirmar que a arte é uma realidade social, construída pelo homem na práxis. O desenvolvimento dos sentidos humanos é o principal elemento no processo de humanização, no qual a arte se constitui pelo homem em uma realidade social.

A arte permite ao sujeito experimentar, por meio dos seus sentidos, situações inusitadas. Coloca-o na condição de autor ou co-autor do processo de estruturação da consciência humana. Assim, possibilita ao sujeito a aproximação com a realidade humana e social, ao mesmo tempo em que oportuniza que se aproxime de si mesmo, sinta, compreenda

e recrie num processo dialético. A obra possui “vida própria” e dialoga com o criador e com o fruidor num processo de constante criação que proporciona ao segundo consciência e apreensão do mundo (PEIXOTO, 2003).

Ao se pensar na criação artística, é possível refletir, também, sobre a imaginação enquanto fundamento de toda atividade criadora e que se manifesta decididamente em todos os aspectos da vida cultural, tornando possível a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que rodeia o homem e tenha sido feito pela sua mão – todo o mundo da cultura diferente do mundo da natureza – é produto da imaginação e criação humanas baseadas na imaginação. O cérebro não é somente um órgão que conserva e reproduz a experiência anterior; é, também, um órgão que combina, transforma e cria, a partir dos elementos da experiência anterior, novas idéias e novas condutas. Vigotski, citando Ribot, esclarece que toda invenção, grande ou pequena, antes de adquirir forma, foi produto da imaginação, uma idéia formada e traçada na mente mediante novas combinações e correlações. (VIGOTSKI, 1999, p.7)

A criação não existe unicamente nas grandes obras históricas, mas também onde quer que o homem imagine, combine, transforme e crie algo novo, por pequeno que seja, em comparação à obra dos gênios. Na vida cotidiana, a criação é uma condição indispensável para a existência e tudo o que exceda ao marco da rotina e encerre qualquer coisa que seja novo guarda relação, por sua origem, com o processo de criação do homem.

Sobre as funções imaginárias, Pino (2006, p.69) esclarece que:

[...] é a possibilidade permanente de realizar ações criadoras [...] à semelhança do que ocorre com as outras funções superiores, a função imaginária encontra seu suporte biológico na atividade imagética animal [...] e, como ocorre com todas elas, a passagem do plano natural (da imagética animal) ao plano cultural (da imagética humana) é obra de um mecanismo mediador que permite essa passagem. A função desse mecanismo é converter o biológico em cultural. O processo em que esse mecanismo opera o chamamos de mediação semiótica.

As funções mencionadas apontam a relação do imaginário com o real, podendo-se indicar dois tipos de real: o natural, que se confunde com a própria natureza e do qual o homem é parte integrante, e o real humano, que é constituído por todas as produções humanas e forma o campo da cultura. Assim, a relação do homem com a natureza, segundo Marx,

[...] se dá num confronto do homem – parte integrante da natureza – com a natureza que ele transforma com sua ação (trabalho) e, nesse mesmo ato, ele se transforma em outra coisa que não é mais natureza, mas sem deixar de ser natureza. A consciência surge nesse confronto. (apud PINO, 2006, p. 72)

Vigotski (1990), apresenta a produção imaginária, como o resultado de qualquer tipo de atividade humana que, segundo ele “crie algo novo, externo ao homem -como objetos técnicos e obras de arte – ou interno a ele – como organizações de idéias e sentimentos”. (p. 73) Desta forma a produção imaginária, diz “é resultado da atividade criadora, diferente da atividade reprodutora que consiste apenas em reviver ou rememorar experiências passadas sem acrescentar nada novo a elas, consiste em criar novas imagens ou ações ou combinar de forma nova aquela já vividas.” (p.73) Assim o campo das funções humanas e culturais é integrante da função imaginária e precisa ser ativada para poder funcionar.

Com base nos entendimentos expostos, os ateliês das diversas linguagens artísticas objetivavam proporcionar que as professoras entrassem em contato com produções culturais e que exercitassem a imaginação em processos de fruição e criação, por meio de vivências estéticas, e que, a partir destas, fosse possível o crescimento individual e coletivo enquanto grupo no que se refere a aspectos pessoais e profissionais.

Artes Visuais e Estética na Formação de Professores: Análise do Questionário

No final do primeiro semestre de 2006, como anteriormente mencionado, aplicaram-se, ao grupo participante desta pesquisa, instrumentos de avaliação para cada área – artes visuais, artes cênicas, literatura e música – com o intuito de observar aspectos que estivessem relacionados com a formação estética desse grupo de professoras. Desses instrumentos, elegeu-se para analisar, neste texto, como também já mencionado, o questionário relacionado às artes visuais.

Ao procurarmos indícios de mudanças estabelecemos como categorias de análise a afetividade, a cognição e a imaginação. A afetividade esteve relacionada a indicadores de emoção, sentimentos ou indiferença, bem como à memória e marcas culturais expressas por costumes e hábitos; a cognição relacionada ao domínio conceitual, expresso através do discurso sobre a compreensão e entendimentos; e a imaginação relacionada a produção original e construção de significações.

Respondido por seis professoras, às quais se fará referência como P1, P2, P3, P4, P5 e P6, o referido questionário continha sete perguntas, das quais seis eram abertas e uma possuía alternativas para enumerar, conforme se apresenta a seguir.

As principais respostas das professoras à indagação “O que entendem por artes visuais” apontam para uma identificação com obras concretas, como *telas, monumentos, livros, pinturas, esculturas com vários materiais, modelagem e gravura*. Uma professora indicou *o teatro*. Agregadas às manifestações concretas, as definições de arte propuseram arte como *uma expressão individual e coletiva de uma sociedade; arte como possuidora de significados e também como veículo para passar algum sentimento*. Aspectos relacionados à afetividade foram citados por três professoras: *amor, sentimento e sensibilidade*.

Diante dos indicadores expostos, pode-se afirmar que, em referência às artes visuais, o conceito mais marcante das professoras está vinculado a uma abordagem mais clássica da arte, indicando as formas mais acadêmicas do fazer artístico, em que e expressando conceitos um tanto ingênuos, como “expressão de sentimentos”, são citados. No grupo, um conceito chamou a atenção: *“aquilo que vejo, a expressão de uma sociedade, de um momento individual e coletivo”* (P1). Esse conceito sobre arte apresenta-se diferenciado dos demais, que ainda estão muito presos aos conceitos mais estereotipados.

Cabe aqui salientar que P1 cursava, também, a licenciatura em Artes Visuais, razão pela qual suas respostas, muitas vezes, demonstram uma reflexão mais profunda e um pouco diferenciada do grupo.

A segunda pergunta indagava sobre a presença das artes visuais no cotidiano e de que maneira as professoras a percebiam. Duas professoras indicaram que percebiam a arte em objetos do cotidiano, como roupas, prédios, calçadas, praças, muros, outdoors, vitrines, TV. Isto demonstra que essas professoras, ao reconhecerem que a arte pode estar presente no seu próprio cotidiano, romperam, de certa forma, com o conceito clássico da mesma que se apresentou predominante nas respostas à primeira indagação. Cabe salientar que, nas respostas, não foi possível compreender quais manifestações realmente se constituem arte.

Três professoras indicaram a escola como um lugar em que a arte está presente: *“onde os meus alunos tentam se expressar através dos desenhos”* (P5); *“costumo fazer trabalhos com os alunos”* (P3); *“em meu próprio trabalho busco imagens artísticas”* (P1).

A professora P1 indica ainda que “visito exposições sempre”. Na resposta desta professora a arte também aparece como recurso didático, pois a escolha está articulada ao que

ela seleciona para trabalhar com seus alunos. Uma outra professora generaliza a arte em todos os atos feitos com amor: “em trabalhos realizados no dia-a-dia, nos momentos em que nos deparamos com artes criadas por nós mesmas, em atividades que demonstram sentimentos” (P2).

As respostas de P1 e P2 reforçam os conceitos que atribuíram a arte nas respostas anteriores. Pode-se supor que, apesar de apresentarem limitações em sua compreensão de arte, as professoras já reconhecem que manifestações artísticas estão presentes em seus cotidianos e não se resumem aos cânones consagrados pela história da arte.

A terceira pergunta buscou identificar se as professoras freqüentam algum lugar para apreciar Artes Visuais e com que freqüência. Das seis professoras, quatro responderam que sim; uma respondeu que às vezes; e uma, que não. Observando com mais cuidado essas respostas, percebe-se que uma professora freqüenta com certa assiduidade – pelo menos duas ou três vezes por mês – algum lugar para apreciação de Artes Visuais; duas professoras indicaram que quando tem oportunidade; e as demais não mencionaram a freqüência. Uma professora indicou os lugares que freqüenta: o Espaço Cultural do Município, a Casa da Cultura, a Biblioteca e o Shopping.

A quarta pergunta se refere a algum evento que envolva artes visuais, ao qual as professoras tenham ido e que tenha sido marcante para elas. Uma professora indicou “vários vernissages; lembro de alguns aqui mesmo na universidade: Mitologia Marinha e a exposição atual na biblioteca” (P1). Outra professora fez uma indicação também ao espaço de promoção cultural da universidade: “Algumas vezes fui à biblioteca onde estavam sendo expostos trabalhos de alguns artistas plásticos” (P2).

Pode-se observar que as vivências nos ateliês influenciaram as professoras para que passassem a perceber, ainda que de forma tímida, as manifestações artísticas e culturais do seu entorno. Pelas respostas, constatou-se que as professoras freqüentam espaços culturais. Cita-se aqui este aspecto, pois todas foram alunas da universidade e, no hall da biblioteca, há um espaço cultural que recebe mensalmente exposições de artistas locais e nacionais.

Já a professora P3 se reportou a uma atividade de aula: “Sim, foi a mostra que tivemos dos nossos trabalhos”. Quanto às demais professoras, estas se referiram, em suas respostas, à atividade desenvolvida numa das oficinas realizadas com o grupo desta pesquisa: “Visita à Fundação Cultural, com o grupo de pesquisa e a professora, pois pude compreender melhor a leitura das obras de arte, e olhá-las com mais detalhes” (P4); “Apenas participei da exposição

que a professora nos levou na Fundação Cultural, exposição do Brandalise”(P5); “Tem a da Fundação Cultural. Estava o grupo todo” (P6).

As respostas revelam que a ação desenvolvida na formação foi muito significativa para estas professoras, no entanto, indica-nos a relevância de uma ação intencional de formação de professores que enfoque a formação cultural e estética dos professores. Muitas das informações por elas indicadas se referem a atividades realizadas durante a pesquisa. Pode-se perceber que após estas atividades algumas professoras passaram a freqüentar mais os espaços de exposições e promoção cultural na universidade e na cidade. No entanto, observa-se também que anteriormente algumas professoras sequer conheciam estes espaços.

É importante refletir que no processo de formação, no âmbito do curso universitário, são poucos ou quase nenhum, os momentos em que o professor realiza um momento pessoal de fruição estética na aproximação com as artes visuais. Afirma-se isto a partir da experiência com este grupo em especial, não se podendo generalizar para outros cursos e mesmo para o momento atual do curso em que essas seis professoras se formaram.

Acredita-se aqui que urge uma discussão intencional no sentido apontado, pois o professor que não é fruidor e “pesquisador” da arte acaba por pouco estimular seus alunos no que se refere a esta linguagem. É importante salientar que estas respostas analisadas sugerem que estas professoras não realizaram em suas vidas pessoais outras atividades desta natureza, assim volta-se a afirmar a importância de ações em formação de professores, que sejam intencionais no qual se refere à apreciação das artes.

A quinta pergunta buscou identificar quais artistas estas professoras conheciam. As respostas estão abaixo citadas:

P1: Volpi - Bandeirinhas/ Tarsila-Abaporu/ Segall - Bananal/ Victor Meirelles -?/
Outros Renascentistas/ Age - ?/ Franklin Cascaes- ?/ Lindinalva Deolla - Festa do bairro

P2: Brandalise- pintor escultor/ Portinari- pintor: Os retirantes/

P3: Brandalise- pintor escultor /Portinari- pintor: Os retirantes/ Otelo- pintor

P4: Tarsila do Amaral, Van Gogh, Picasso, Leonardo da Vinci

P5: Brandalise / Picasso

P6: Leonardo da Vinci

É perceptível, nas respostas apresentadas, que muitos dos artistas citados são os artistas mais conhecidos e que há um conjunto de investimento do mercado cultural que possibilita que se fortifiquem tais nomes. O artista Brandalise, que aparece em diversas

respostas, foi o artista visitado pelo grupo na atividade citada anteriormente em sua ida à Fundação Cultural. Isto indica que a visita à Fundação Cultural marcou e que o artista permanece presente na memória dessas professoras.

A sexta questão indagava sobre as funções principais que atribuíam às artes visuais; citava doze itens e solicitava que as professoras os enumerassem por ordem de importância. Os itens a ser enumerados eram: expressão emocional; prazer estético; divertimento, entretenimento; comunicação; contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; integração da sociedade; conhecimento; embelezamento; desenvolvimento humano; desenvolvimento da própria sensibilidade; desenvolvimento da sensibilidade no apreciador; criatividade e outros, os quais deveriam ser citados.

Três professoras citaram a expressão emocional como a principal função da arte; o prazer estético foi citado por duas; e a comunicação por uma professora. Cabe destacar que a comunicação apareceu como segundo item de maior importância para três professoras e que a criatividade, o conhecimento, o desenvolvimento da sensibilidade e o desenvolvimento humano foram citados, também, como os de maior importância, nos três primeiros itens. Todas as professoras atribuíram importância a todos os itens, não excluindo nenhum. Entretanto, nenhuma professora citou outro item diferente dos apontados.

Na sétima e última pergunta, questionou-se sobre os benefícios que as artes visuais propiciam para a formação do ser humano e o porquê. Percebeu-se que as professoras utilizaram os argumentos anteriores para desenvolverem suas respostas:

P1: O auto-conhecimento pode passar pela produção artística, na aplicação e experimentação de materiais e outros jeitos de produzir arte. Acredito que o fazer artístico impulsionava a imaginação aguçando o pensamento, a busca da pesquisa, então o refletir amplia e desperta a sensibilidade.

P2: Transformar o ser humano mais criativo, onde a pessoa demonstre seus sentimentos partindo seus trabalhos produzidos.

P3: Elas propiciam a criatividade, a sensibilidade, a comunicação, pois fazem com que o ser humano entre e viaje com a obra.

P4: Ajudam na formação cultural, emocional e criativa que cada um desenvolve no decorrer da vida, de maneira prática, ou somente intelectual.

P5: Faz com que podemos vivenciar obras com sentimentos que possa nos chocar, que possa nos mostrar o diferente ou até o real, faz com que os nossos pensamentos se contradigam com o que achamos irreal e até magnífico.

P6: Torna o sujeito mais sensível e mais observador das pequenas coisas.

Pode-se perceber nas respostas ao questionamento que as professoras referenciaram os próprios entendimentos e aplicações da arte em seus cotidianos. Aspectos de mudança em si mesmas aparecem como indícios quando se referem a transformação, formação ou mesmo ao declarar a possibilidade de passar a ser um observador das pequenas coisas.

Considerações Finais

Quando da aplicação deste questionário o foco dos ateliês era a formação do professor, posteriormente percebeu-se que seria necessário pensar a formação pessoal do sujeito. Durante estes encontros percebeu-se que as experiências se efetivavam no coletivo e superavam os limites do individual. Sendo assim, as professoras compreenderam que a relação no coletivo apresentava aspectos da individualidade, mas que esta se relacionava diretamente com o contexto e com a coletividade.

Ao abordar aspectos ligados diretamente à formação do professor e a sua relação com o contexto em que se dá sua ação, observou-se nas falas das professoras investigadas que a sua formação é um fenômeno complexo entre o individual e o institucional. Isto porque a escola é um espaço organizado e estruturado de forma institucional no qual a individualidade do sujeito é também marcada pelos processos que se entrelaçam neste contexto.

Nesta pesquisa, ainda se observou que poucas professoras tinham o hábito de frequentar espaços de divulgação e promoções artísticas e culturais. Da mesma forma, poucas têm o hábito de ir a uma exposição de artes visuais, de assistir a um concerto, a uma apresentação musical, a um espetáculo de dança ou a outra manifestação artística.

Pode-se intuir que as professoras envolvidas nos ateliês, ao declararem que estavam percebendo a arte em seu cotidiano e ao passarem a dar importância às manifestações presentes nos espaços que frequentam, tiveram mudanças em seu comportamento individualmente.

Os indícios procurados e encontrados nas respostas ao questionário permitem que se possa afirmar que as professoras foram afetadas pelas vivências estéticas em aspectos relacionados à afetividade, cognição e imaginação. A afetividade parece ser a mais marcante

já que os aspectos da emoção e de mudanças de costumes e hábitos no que se refere a frequência de locais de manifestações artísticas e culturais é explicitado pelas professoras. O desenvolvimento de aspectos conceituais ainda aparece timidamente através de depoimentos às vezes imprecisos e que não indicam de forma concreta os entendimentos. A imaginação também é indicada quando as professoras fazem referência ao aguçamento do pensamento e da criatividade no decorrer das atividades “práticas da vida”, assim demonstrando a construção de novas significações.

Apontar conclusivamente para os efeitos e a importância da formação estética na formação dos professores pode parecer precipitado, no entanto, são visíveis as mudanças no comportamento das professoras, o que indica as possibilidades que as vivências nos ateliês, que colocaram as professoras em contato com as produções artísticas e culturais e propiciaram a fruição e a criação, proporcionam tanto individual como coletivamente.

REFERÊNCIAS

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **Arte e grande público: a distância a ser extinta**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

PINO, Angel. Imaginário e Produção Imaginária: Reflexões em Educação. In: DA ROS, S.Z.; MAHEIRE, K.; ZANELLA, A.V. (Org). **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: Sujeitos e (em) experiência**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006a, p. 49-75.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Um convite à estética**. Trad.: Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

_____. **Imaginación y Creación en la edad infantil**. Habana/Cuba; Editorial Pueblo y Educación. 1990.